

MARCAS AUTOBIOGRÁFICAS NA OBRA DE PABLO NERUDA

Ximena A. Díaz Merino *

RESUMO: *O presente estudo objetiva analisar a obra de Pablo Neruda e sua vinculação com a escrita autobiográfica. Nos postulados da autobiografia é possível situar o poeta chileno historicamente, posto que a escrita autobiográfica se cinge ao tempo recordado que, na obra nerudiana, abarca aproximadamente de 1920 a 1973. Dessa maneira, a leitura dos textos nerudianos implica num retorno a momentos desse tempo histórico.*

PALAVRAS-CHAVE: *Vanguarda, autobiografia, poesia Hispano-Americana.*

ABSTRACT: *This study aims at analyzing Pablo Neruda's work and its relation with the autobiographical writing. Based on the postulates of autobiography, it is possible to place the Chilean poet in history, since the autobiographical writing is limited to the time remembered, which, in Neruda's work, covers approximately from 1920 to 1973. For this reason, reading Neruda's texts implies a return to moments of this historical period.*

KEY WORDS: *Vanguard, autobiography, Hispanic American poetry.*

A leitura da obra de Pablo Neruda, nos postulados da autobiografia, faz possível situá-lo historicamente, posto que a escrita autobiográfica se cinge ao tempo recordado que, na obra nerudiana, abarca aproximadamente de 1920 até 1973. Dessa maneira, a leitura dos textos nerudianos implica num retorno a momentos desse tempo histórico.

Para melhor abordar a escrita da auto-representação é necessária uma reflexão prévia sobre os conceitos atribuídos à autobiografia, bem como sobre seus desdobramentos. Por se tratar de um texto de natureza híbrida – mescla de verdade e ficção – o gênero autobiográfico apresenta uma estrutura dupla. Para a compreensão dessa duplicidade pode-se recorrer ao denominado “pacto autobiográfico”, termo apresentado por Philippe Lejeune (1975) para se referir à posição do leitor diante de um texto autobiográfico. Para o teórico francês, o leitor de uma autobiografia deve confiar na sinceridade do autor a ponto de acreditar que não inventa nada do narrado, estabelecendo-se assim uma identidade entre autor e leitor. O “pacto autobiográfico” se realiza, portanto, mediante um contrato

* Professora Adjunta do curso de Letras da Unioeste- Campus de Marechal Cândido Rondon.

implícito entre autor e leitor, de tal maneira que o primeiro se compromete com a veracidade e o segundo garante acreditar nas revelações. Com relação à participação do leitor na caracterização do texto autobiográfico, cabe destacar as palavras de Javier del Prado Biezma (1994:215), no estudo *Autobiografía y modernidad literaria*:

Efectivamente, la intencionalidad de un texto hace posible su identificación, pero debemos estar conscientes de que eso es solamente un punto de inicio virtual; o sea, que la intencionalidad en si misma tampoco permite la diferenciación de una escritura. Por todos es conocida la proliferación de textos que niegan sus propios propósitos. Por lo tanto, es la materialización textual de esa intención, esto es, una vez más, la funcionalidad de esos signos significantes antes mencionados, lo que realmente permitirá identificar el texto, estableciendo, en consecuencia, una estrecha red de conexiones estructurales, de cuya incidencia funcional depende la naturaleza, la esencia de la escritura que las informa.

No texto supracitado, Del Prado Biezma destaca a existência de uma série de textos que se propõem como pertencentes a um determinado gênero sem, contudo, enquadrar-se nele.

A autobiografia *strictu sensu* caracteriza-se por ser uma narrativa cujo assunto é a retrospectiva da própria vida, com destaque para os fatos relevantes da história do autor. Caracteriza-se ainda pela

Representação dos três elementos constitutivos, autor/personagem/narrador, através de uma só pessoa. Dois exemplos clássicos do que vem a ser a autobiografia são *Confissões* (400), de Santo Agostinho (358-430), e *Confissões* (1764), de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Nessas obras o motivo central é a procura ou a descoberta do *eu*. Em sua autobiografia Santo Agostinho apresenta a história dos eventos que o levaram à sua conversão religiosa, suas inquietações e questionamentos frente à vida, que de acordo com José Américo Motta Pessanha (In: *Os pensadores*, 1999:10), Agostinho:

[...] consegui redigir uma obra imensa, a maior parte da qual inspirada em problemas concretos que preocupavam a Igreja da época. Excetuaram-se alguns poucos livros, como as *Confissões*, onde Agostinho se revela admirável analista de problemas psicológicos íntimos, tanto quanto de questões puramente filosóficas [...].

Rousseau, assim como Agostinho, registrou em *Confissões* suas tentativas de encontrar respostas para seus problemas existenciais. Marilena Chauí (In: *Os Pensadores*, 1978: XII), ao fazer referência à autobiografia de Rousseau, afirmou: “[...] em quase mil páginas, procura explicar toda sua

vida e seu pensamento. Com isto o livro tornou-se uma síntese completa do autor como homem, romancista, filósofo e educador”. Mais tarde com o avanço e as transformações da modernidade surgiram no indivíduo novos questionamentos, intensificando sua procura pela razão de existir, fato que refletiu na busca da identidade e fez com que o relato autobiográfico adquirisse força maior.

As mudanças provocadas pela vida moderna, de acordo com Stuart Hall (2003:10), “[...] representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada”. O sociólogo aponta para o câmbio de perspectiva que emergiu com a modernidade tardia e fez com que se perdesse o parâmetro, já assentado, do que era o indivíduo. Em seu estudo *Identidade Cultural na pós-modernidade* (2003:11-13), Hall aponta três concepções de identidade ao longo da história: o “sujeito do Iluminismo”, acepção individualista que concebia um sujeito que já nascia com uma identidade, a qual crescia e se desenvolvia junto com ele; o “sujeito sociológico”, possuidor de uma identidade originada na interação do *eu* e seu entorno, mas fortemente vinculada aos valores e significados desse entorno cultural; e o “sujeito pós-moderno”, indivíduo possuidor de uma identidade em constante transformação, ou de múltiplas identidades, que lança mão de uma identidade dependendo da situação em que se encontre.

Do raciocínio anterior depreende-se que a concepção de identidade, que por longo tempo estabilizou a sociedade, tem-se modificado fazendo surgir novas identidades resultantes da fragmentação do sujeito que, até então, era concebido como um ser unificado. Portanto, chega-se à conclusão de que não há uma única identidade fixa e imutável, posto que atualmente ela [a identidade] encontra-se em crise, ou na denominação de Hall (2003:7) em “deslocamento”, transformação da qual surge o conceito de sujeito pós-moderno. A reflexão sobre as noções de identidade é muito conveniente na abordagem do processo autobiográfico, visto que é nesse tipo de texto que o *eu* se apresenta sem máscaras, tal como ele é, ou como seu autor/escritor/narrador se enxerga a si mesmo.

De acordo com o próprio Lejeune, há o que se convencionou chamar de “autobiografia *strictu sensu*” e a “escritura autobiográfica”. Nessa última estão contidos os diferentes relatos autobiográficos, que não se prendem a modelos formais, mas se caracterizam por ser relatos da auto-representação. Lejeune (1994:50) definiu a autobiografia como: “Relato retrospectivo em prosa que una persona real hace de su propia existencia, colocando énfasis en su vida individual y, en particular, en la historia de su personalidad”, e acrescentou que pode ser considerado autobiográfico todo texto que contenha os elementos pertencentes a quatro categorias diferentes, a saber: forma de linguagem, narração ou prosa; tema tratado,

vida individual, história de uma personalidade; situação do autor, identidade do autor e do narrador; posição do narrador, identidade do narrador e da personagem principal, perspectiva retrospectiva da narração.

Lejeune (1994:51) também chamou a atenção para a existência dos “gêneros vizinhos da autobiografia”: Memórias, biografia, novela pessoal, poema autobiográfico, diário íntimo e auto-retrato ou ensaio, relatos que não cumprem todas as condições da autobiografia. Entende-se, então, que o pacto autobiográfico aponta as diretrizes para classificar ou não um texto como autobiografia, mas há que se levar em consideração a existência de inúmeros relatos em que a emergência do *eu* fica estabelecida. Partindo dessa constatação cabe refletir sobre a tipologia e os diferentes níveis de emergência do *eu* nesses relatos.

Conforme Lejeune, as Memórias não podem ser consideradas autobiografias *strictu sensu* porque o tema nelas tratado não aborda somente a vida individual do personagem/autor/narrador, mas o entorno dessa vida. Portanto, as Memórias vêm a ser a recuperação de um tempo que pertence tanto ao passado privado do autor quanto ao passado coletivo da sociedade em que esteve inserido, de maneira a resgatar em maior grau a história da coletividade da qual o *eu* fez parte, do que a história individual do autor.

Ao abordar o espaço autobiográfico nerudiano devem ser considerados em primeiro lugar os dez textos publicados em 1962 na revista brasileira *O Cruzeiro Internacional* sob o título “Las vidas del poeta”; a autobiografia lírica intitulada *Memorial de Isla Negra* (1964) e as Memórias *Confieso que he vivido* (1974).

O histórico dos escritos autobiográficos nerudianos pode ser rastreado a partir de janeiro de 1954 na conferência intitulada “Infancia y poesía” no *Salón de Honor de la Universidad de Chile*, texto que posteriormente se transformou no primeiro capítulo de *Confieso que he vivido*. Os artigos publicados em *O Cruzeiro Internacional* tratam desde sua infância na província até seu exílio na Itália. Textos estes que se transformaram em material de conferências divulgados pelo mundo na voz do próprio poeta ou em publicações diversas.

Pouco a pouco a vida do Nobel chileno ganhou divulgação e despertou o interesse de editores internacionais por uma obra que concentre toda a história do poeta, que vivenciou importantes acontecimentos na primeira metade do século XX. Neruda não demonstrou interesse nas propostas desses editores, mas entre os anos de 1958 e 1973 seus escritos apresentaram uma marcada necessidade de revisão e reflexão sobre seu passado. Esta reflexão consiste na tendência à organização sistemática de suas lembranças. Contudo é possível encontrar, de forma esporádica, já em seus primeiros escritos, quando ainda era um escritor anônimo, versos que apresentam uma clara inclinação à escrita autobiográfica. A título de

ilustração apresenta-se a seguir o poema “Sensación autobiográfica” (NERUDA, 2001:158), datado em 12 de julho de 1920:

Hace dieciséis años que nací en un polvoroso
pueblo blanco y lejano que no conozco aún,
y como esto es un poco vulgar y candoroso,
hermano errante vamos hacia mi juventud.

Eres muy pocas cosas en la vida. La vida
No me ha entregado todo lo que yo le entregue [...]
Nada más. Ah! Me acuerdo que teniendo diez años
dibujé mi camino contra todos los daños
que en el largo sendero me pudieran vencer:

haber amado a una mujer y haber escrito
un libro. No he vencido, porque está manuscrito
el libro y no amé a una, sino que a cinco o seis...

Mais tarde esse processo de reorganização das lembranças pode ser observado em *Estravagario* (1958), poemas em que Neruda, num tom confessional, tenta reordenar sua vida a partir de questionamentos existenciais. Um reencontro com o passado que pode ser observado nos versos de “Regreso a una ciudad” (NERUDA, 1993:607-608):

A qué he venido? les pregunto.
Quién soy en esta ciudad muerta?
No encuentro la calle ni el techo
de la loca que me quería.
[...]
Ahora me doy cuenta que he sido
no sólo un hombre sino varios
y que cuantas veces he muerto,
sin saber cómo he revivido,
como si cambiara de traje
me puse a vivir otra vida
y aquí me tienen sin que sepa
por qué no reconozco a nadie,
por qué nadie me reconoce,
si todos fallecieron aquí
y yo soy entre tanto olvido
un pájaro sobreviviente
o al revés la ciudad me mira
y sabe que soy un muerto [...]

A cidade assinalada pelo sujeito lírico é sem dúvida Colombo, no

Ceilão. O episódio que inspirou esses versos foi narrado pelo próprio poeta anos depois em *Confieso que he vivido*. Neruda conta que nos primeiros meses de 1957 foi convidado a participar de um Congresso em favor da paz em Colombo, evento que o fez voltar ao Oriente após décadas. O reencontro com a cultura oriental o fez reviver os anos de juventude em que esteve isolado nessa afastada terra e que provocaram no poeta novas motivações líricas. Sobre sua peregrinação pelo mundo asiático, Neruda escreveu (2000:299): “[...] A los 22 años de edad viví en Ceilán una existencia solitaria y escribí allí mi poesía más amarga rodeado por la naturaleza del paraíso” e acrescentou:

Me fui al tanteo por las callejuelas en busca de la casa en que viví, en el suburbio de Wellawatha. Me costó dar con ella. Los árboles habían crecido; el rostro de la calle había cambiado [...] No encontré a ninguno de mis viejos amigos. Sin embargo la isla volvió a llamar en mi corazón, con su constante sonido, con su destello inmenso.

Como constatado até agora, a autobiografia é uma escrita pessoal e íntima, associada a um território determinado: uma região, um povoado, uma casa, uma cidade; um lugar conhecido e vivenciado pelo autor. Desta constatação se depreende que paralelamente ao processo autobiográfico vai-se desenhando a identidade desse autor. Sobre este aspecto pode-se trazer o referencial teórico proposto por Sylvia Molloy em *Acto de presencia* (1996). Nesse estudo Molloy apontou uma série de características apresentadas nos escritos autobiográficos hispano-americanos. A autora argentina afirma que a casa, assim como os lugares físicos onde o escritor viveu, formam e configuram seu mundo. Destaca também que a memória familiar se faz presente na maior parte desses escritos, notadamente a relação com a mãe. Sylvia Molloy constatou também que a maioria dos escritores autobiográficos hispano-americanos recorrem à “primeira lembrança” para iniciar seus relatos. Segundo a autora:

Situada precisamente en el inicio, o muy cerca del comienzo del relato, El primer recuerdo constituye una especie de epígrafe, una autocita, y aunque no resume la esencia de lo que continuará, apunta en una dirección [...] en todo caso es obvio que, así como ningún recuerdo es inocente, tampoco es inocente ningún uso que se haga de él. Al rescatar un “primer recuerdo” de muchos que la memoria ha almacenado, el autobiógrafo escoge un inicio que, de alguna manera armoniza, con la imagen que el adulto, en el presente de la escritura tiene de sí mismo (MOLLOY, 1996:257).

O parágrafo citado deixa claro que a eleição das lembranças não é

arbitrária; pelo contrário, estas são selecionadas dentre as inúmeras alternativas guardadas na memória. Selecionar a primeira recordação é um ato muito significativo, posto que, aponta o verdadeiro nascimento do indivíduo. Ao lançar um olhar sobre os escritos memorialísticos de Pablo Neruda, constata-se que as características apontadas por Molloy estão presentes no texto nerudiano. Observa-se, por exemplo, que o primeiro capítulo de *Memorial de Isla Negra* (1964), intitulado “Donde nace la lluvia”, Neruda (1993:1021-1022) dedica o primeiro poema ao seu nascimento:

Nació un hombre
entre muchos
que nacieron,
vivió entre muchos hombres que vivieron,
[...]
Parral se llamaba el sitio
del que nació
en invierno.
[...]
Yo no tengo memoria
del paisaje ni tiempo,
ni rostros, ni figuras,
sólo polvo impalpable[...]

Da mesma maneira, em *Confieso que he vivido* Neruda (2000:11) inicia o primeiro capítulo “Infancia y poesía” com as seguintes palavras:

Comenzaré por decir, sobre los días y los años de mi infancia, que mi único personaje inolvidable fue la lluvia. La gran lluvia austral que cae como una catarata del Polo, desde los cielos del Cabo de Hornos hasta la frontera. En esta frontera, el Far West de mi patria, nací a la vida, a la tierra, a la poesía y a la lluvia.

Sylvia Molloy (1996:146), ao abordar a recriação da infância na autobiografia, faz referência à escrita de Pablo Neruda com as seguintes palavras:

[...] cuando se recrea la infancia, generalmente es colocada en un contexto más amplio, como primera entrega de la historia de una vida entera. Es el caso de [...] Neruda entre otros muchos: todos ellos dedican la parte inicial, cuando no el volumen inicial de su autobiografía, a los años de infancia.

Mas, a rememoração da infância não representa em Neruda a simples nostalgia dessa tenra idade, ele a rememora objetivando ser o ponto de partida para chegar à idade adulta. Ao iniciar suas autobiografias com os

episódios da infância, Neruda selecionou o período mais significativo de sua existência dando a ele um destaque proposital, posto que conforme Molloy (1996:257): “nenhuma lembrança é inocente, tampouco é inocente nenhum uso que se faça dela”, o que quer dizer que a eleição da lembrança é o resultado de uma seleção prévia feita de acordo com o peso simbólico que ela representa para o autor. No caso nerudiano, iniciar suas autobiografias com o resgate da primeira idade ratifica a forte identificação com suas raízes sulistas, constituintes marcantes de sua identidade.

Hernán Loyola denominou a produção literária nerudiana a partir de finais da década de cinquenta como uma escrita reveladora de uma “nuevo lenguaje biográfico” (In: NERUDA, 2001:1079). Para tal declaração se baseia na escrita fragmentada utilizada por Neruda, uma espécie de *collage* onde a lembrança não se cinge exatamente a um tempo linear e sua emergência se dá em meio às lacunas da memória, retratando assim, a fragmentação da vida.

Em *Memorial de Isla Negra*, autobiografia lírica, Neruda percorre num tom nostálgico seus primeiros sessenta anos de vida. Uma peregrinação que se inicia no sul chuvoso e culmina na *Chascona* junto de Matilde Urrutia, sua última esposa. O título homenageia a cidade de pescadores próxima a Valparaíso, local onde em 1939 comprou a residência que compartilhou com Matilde. Conforme Hernán Loyola, *Memorial* teve como preâmbulo a série de artigos publicados em *O Cruzeiro Internacional*. O crítico chileno afirma que “[...] fueron la antesala del proyecto *Memorial de Isla Negra* que Neruda comenzó a escribir en ese mismo 1962 [...]” (In: NERUDA, 2001:36).

Memorial de Isla Negra consta de cinco capítulos, sendo o primeiro deles “Donde nace la lluvia”. Houve uma edição prévia desse primeiro capítulo em 1963, que contava como um texto inicial intulado “Prefacio a Pablo Neruda”, no qual o vate declara sua intenção autobiográfica. As palavras escritas pelo poeta foram as seguintes (NERUDA (2001:1101-1102):

Es éste el primer paso hacia atrás hacia mi propia distancia, hacia mi infancia. Es el primer volver en la selva hacia la fuente de la vida. Ya se olvidó el camino, no dejamos huellas para caminar y si temblaron las hojas cuando pasamos entonces, ahora ya no tiemblan ni silba el rayo agorero que cayó a destruirnos. Andar hacia el recuerdo cuando éstos se hicieron humo es navegar en el humo. Y mi infancia vista en el año 1962, desde Valparaíso, después de haber andado tanto, es sólo lluvia y humareda. Vayan por ella los que me amen: su única llave es el amor [...]

Valparaíso, 1962

Em cinco capítulos Neruda expõe a essência de sua caminhada

existencial até a década de sessenta, etapa que mais tarde foi complementada com suas Memórias publicadas sob o título *Confieso que he vivido* (1974), autorretrato em prosa, que revela aspectos desconhecidos da personalidade do poeta dispersos em doze capítulos, uma visão totalizadora do que foi sua vida e sua obra. Neruda (2000:7) inicia suas Memórias com as seguintes palavras:

Estas memorias o recuerdos son intermitentes y a ratos olvidadizos porque así precisamente es la vida [...] Muchos de mis recuerdos se han desdibujado al evocarlos, han devenido en polvo como un cristal irremediamente herido [...]

Tal vez no viví en mi mismo; tal vez viví la vida de los otros.

De cuanto he dejado escrito en estas páginas se desprenderán siempre – como en las viñas – las hojas amarillas que van a morir y las uvas que revivirán en el vino sagrado.

Mi vida es una vida hecha de todas las vidas: las vidas del poeta.

No texto supracitado, o autor/personagem/narrador reconhece que é impossível lembrar de tudo e constata que nem tudo o que for registrado pela escrita perdurará no tempo transformando-se em “las hojas amarillas que van a morir”, mas confia na permanência de algumas passagens como “las uvas que revivirán en el vino sagrado”, e assim sua existência passará a formar parte da história da humanidade.

Entre 1970 e 1972 Neruda residiu na França ocupando o cargo de embaixador. Em 1972, ainda na França, o poeta decidiu reiniciar a redação final de seu projeto autobiográfico iniciado com os artigos *Las vidas del poeta*, para tal empreendimento reuniu as crônicas já publicadas e chamou o poeta chileno Homero Arce, seu amigo e secretário, quem junto com Matilde transcreveu os textos ditados por Neruda e que mais tarde serviram de enlace do material pré-existente. Em novembro desse mesmo ano, já de volta ao Chile por problemas de saúde, Neruda trabalhou incansavelmente em suas Memórias, talvez prevendo o fim. Após sua morte em setembro de 1973, o manuscrito foi enviado à Venezuela onde Matilde Urrutia e Miguel Otero Silva, escritor venezuelano e amigo do falecido poeta, organizaram e publicaram o manuscrito. A esse primeiro lançamento se seguiram inúmeras traduções e publicações no mundo inteiro.

Muitas polêmica rondaram as Memórias do Nobel chileno. Questionava-se a autoria das últimas quatro páginas de *Confieso que he vivido*, posto que o poeta encontrava-se gravemente doente na data dos episódios relatados e que tinham acontecido na semana de sua morte. Mas há várias testemunhas que viram o poeta nas últimas horas de vida, como a advogada Aída Figueroa (In. SUÁREZ, 2004:367) que numa entrevista à *Revista Arau-*

caria relatou:

La verdad es que Pablo no perdió nunca el ánimo. Cuando fui a visitarlo en la clínica el sábado, un día antes de su muerte, fue la primera vez que reclamó de los dolores [...] Estaba leyendo un libro, que había despedazado para poder leer. No era capaz de sujetar un libro en las manos. Había deshecho el libro y Pablo tomaba unas cuatro hojas para leer. Era una novela francesa. Mientras, Homero Arce estaba en el cuarto al lado pasando a limpio unos poemas, sus últimos poemas. Homero llevaba los poemas y Pablo los revisaba...

Matilde Urrutia numa carta dirigida ao professor chileno Juan Loveluck, residente nos estados Unidos, insistiu que Neruda escreveu até a última linha de suas Memórias:

En septiembre, Pablo me había avisado que trabajaría dos meses más en sus *Memorias*. En su cuaderno de notas hay varios capítulos anotados que no alcanzó a hacer, pero las memorias estaban listas del comienzo al fin, y el último capítulo, que escribió después del día 11, era el final definitivo decidido por él (IN: SUÁREZ, 2004:366).

Apoiado em declarações como as supracitadas, Eulógio Suárez (2004:366) explicou: “No puede existir ninguna Duda de que el poeta escribió realmente cada una de las líneas de sus *Memorias*”, e acrescentou, “Las últimas páginas del libro lo retratan de cuerpo entero. Resisten todas las pruebas. Sus juicios políticos son claros en cada uno de sus textos; su lenguaje es el mismo; su estilo, inimitable”. De acordo com Matías Barchino (12): “*Confieso que he vivido* tem sido um dos livros mais lidos da literatura autobiográfica hispano-americana do século XX [...] tem sido reeditado continuamente desde sua primeira edição argentina e espanhola de 1974”. Essas Memórias constituem um verdadeiro autorretrato nerudiano. Uma viagem literária que leva o leitor pelas paragens selvagens do sul chileno, para peregrinar mais tarde pela cidade grande e seguir nas travessias ao Oriente, a Europa e a Ásia. Através dessa viagem literária o leitor vai aprofundando nas principais obras, vivências, encontros e desencontros experimentados pelo vate. No final da viagem, personagem e leitor chegam a *Isla Negra*, onde o poeta viveu seus últimos dias em meio à turbulência política que assolou seu país.

REFERÊNCIAS

BARCHINO, Matías. *Pablo Neruda en la tradición autobiográfica*. Disponível em:

<http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12715172007059314198624/028317.pdf?incr=1>

CHAUÍ, Marilena (Consultoria). Rousseau (1712-1778): Vida e obra. In: *Os Pensadores: Jean-Jacques Rousseau*. Trad. Lourdes Santos Machado. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. pp.VI-XXIII.

DEL PRADO BIEZNA; Javier Bravo, CASTILLO, Juan; PICAZO, María Dolores. *Autobiografía y modernidad literaria*. Murcia: Universidad de Castilla – La Mancha, 1994.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Trad. Ana Torrent. Madrid: MEGAZUL-ENDYMIION, 1994.

MOLLOY, Sylvia. *Acto de presencia. La escritura autobiográfica en Hispanoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

NERUDA, Pablo. *Obras Completas*. Vol. I. De *Crepusculario* a *Las uvas y el viento* (1923-1954). Edición de Hernán Loyola. Barcelona: Ed. Galaxia Gutenberg, Círculo de Lectores, 1999.

———. *Obra Completa*. Vol. II (1954-1964). Buenos Aires: Ed. Losada, 1993 (a)

———. *Obra Completa*. Vol. III (1966-1973). Buenos Aires: Ed. Losada, 1993 (b)

———. *Obras Completas*. Vol. IV. Nerudiana Dispersa (1915-1973). Edición de Hernán Loyola. Barcelona: Ed. Galaxia Gutenberg, Círculo de Lectores, 2001

PESSANHA, José Américo. Vida e Obra. In: *Os pensadores: Santo Agostinho. Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. pp.05-23.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. In: *Os pensadores: Jean-Jacques Rousseau*. Trad. Lourdes Santos Machado. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova cultural, 1999.

SUÁREZ, Eulogio. *Neruda Total*. 3ª ed. Santiago: RIL editores, 2004.